

Autor: Julio Cesar Bianchi Furtado (Julio Fantasma)

Mais Contos: <http://www.juliofantasma.com.br/contos-de-terror/>

Facebook: <http://facebook.com/juliofantasma>

Twitter: <http://twitter.com/juliofantasma>

## O QUARTO 27

Teria sido o final de semana mais calmo da história do Hospital Santa Edwiges, se não fosse pela chegada de uma nova paciente à 0h20. Dois enfermeiros, acompanhados do Dr. Macedo, levaram uma jovem, às pressas, para o quarto 27, o mais bem equipado do hospital.

— Já está sabendo da novidade? — disse Elza, a recepcionista.

— Era a Sandra Pellegrino naquela maca? — disse a enfermeira Débora, olhando assustada para o fim do corredor.

A decepção da recepcionista ficou estampada em cada ruga do seu rosto.

— Você a conhece? — perguntou ela, num tom de descrença.

— Fomos amigas de infância — ela ainda olhava para o fim do corredor.

— O quê? Você foi amiga de Sandra Pellegrino?

— Por que o espanto? Só por que ela é rica?

— São mundos diferentes, só isso.

— Eu disse que fomos amigas; perdemos contato há muito tempo. Na época a família dela era tão humilde quanto a minha.

— Sério? Então ela não nasceu num berço de ouro?

— Ouro? Longe disso, nossos pais trabalhavam juntos como peões de fábrica.

— Seu pai trabalhou com Natanael Pellegrino? — E frisou a testa. — Ah, você está de brincadeira comigo.

— Estou falando para você, eles eram gente como a gente. Passamos até um final de semana em Ubatuba juntos.

— Sei — o tom de voz foi o mesmo de quem escuta uma história de pescador, daquelas em que há peixes falantes.

— Aí um belo dia ele ganhou na loteria e esqueceu dos seus amigos pobres.

— Fiquei sabendo que ele é um dos homens mais ricos do Vale do Paraíba.

Silêncio por alguns segundos. Rita, outra enfermeira, vem andando a passos largos. Parece ansiosa para dizer alguma coisa:

— Sabem quem acabou de chegar de ambulância?

Débora e Elza se olharam e responderam juntas:

— Sandra Pellegrino.

O rosto de Rita murchou feito um buquê de flores sob um sol escaldante.

— Dá para acreditar? — disse ela. — Estava muito louca numa festa Rave, lá no bairro do Ribeirão Grande.

— Típico — disse Elza, com desdém — Patricinha adora estas coisas mesmo.

— Como sabe onde ela estava? — perguntou Débora para Rita.

— O Dê me contou.

— O Denílson e a Rita estão namorando — disse Elza, orgulhosa. — Aposto que esta você não sabia, né? — E voltou-se para Rita: — Quer saber de uma boa também? Essa aqui — apontou o indicador para Débora — era amiga da moça.

Rita arregalou os olhos.

— Você conhece Sandra Pellegrino?

— Há muito tempo atrás. Ela nem deve se lembrar de mim.

— É bem capaz mesmo. Li numa revista que ela morou nos Estados Unidos, França e Inglaterra.

— Grande coisa! Agora está num quarto de hospital, em Pindamonhangaba.

— Vocês repararam o roxo que ela deixou no braço do Dê? Biscate!

Dr. Ricardo Talban, um dos diretores do hospital, passou correndo por elas. Parecia mais tenso do que de costume. Dobrou o corredor quase tropeçando nas próprias pernas.

— Devem estar apavorados — disse Rita.

— Apavorados?

— Sim, devem estar se borrando de medo da filha de um milionário morrer em suas mãos.

— A insensibilidade de vocês me impressiona — disse Débora, irritada. — É uma pessoa que está naquele quarto! Dane-se se ela tem muito dinheiro!

— Somos enfermeiras, esqueceu? Temos que ser insensíveis.

Antes que Débora pudesse argumentar alguma coisa, foi solicitada a comparecer urgentemente no quarto 29. O olhar dela para Elza foi tão explícito que esta soube de antemão o que ela iria lhe perguntar. A resposta foi:

— Não é o quarto dela. Sandra Pellegrino está no 27; o 29 tem um garotinho com asma e um velho com câncer nos testículos.

Ao entrar no corredor 20, onde ficam os quartos 21 a 30, Débora sentiu uma energia muito ruim. Hospitais costumam ter uma energia meio carregada, mas aquilo era diferente de tudo o que já sentira antes.

Dr. Ricardo e Dr. Macedo cochichavam em frente ao quarto 27, estavam tão concentrados na conversa que nem perceberam a enfermeira passar por eles. A porta do quarto estava ligeiramente aberta, dava para ver um pouco dos pés da paciente sobre a cama. Estavam bastante trêmulos e tinham uma coloração esbranquiçada. A primeira palavra que lhe veio à mente foi: overdose.

Era estranho imaginar sua ex-coleguinha de colégio, uma menina tão meiga e carinhosa, morrendo daquela forma. Ambas possuem a mesma idade, portanto Sandra está com 21 anos. Apesar de terem isso em comum, suas vidas tomaram caminhos bem diferentes. Sandra viu o pai se transformar num milionário da noite para o dia, cujos benefícios lhe cariam no colo. Débora engravidou cedo; aos 15 anos já era mãe da pequena Marlene, uma garotinha de olhos azuis e energia suficiente para iluminar uma cidade inteira. Precisou batalhar em dobro, pois o pai de sua filha sumira mundo afora assim que soube da gravidez.

Ao deixar o quarto 29, Débora foi abordada pelo Dr. Ricardo.

— Vou precisar da colaboração de todos vocês — disse ele, ansioso.

— Sim, doutor, é só pedir — ela terminou de fechar a porta do quarto.

— Por um acaso você sabe quem é a paciente do quarto 27?

— Sandra Pellegrino.

A resposta não lhe agradou. O doutor fez uma cara de pouquíssimos amigos.

— Como você sabe? — perguntou ele, estressado.

— Eu a vi chegar.

— Tudo bem — ele tentou manter a calma. — Olha, eu exijo que esta informação não saia deste hospital, em hipótese alguma. Você me entendeu?

— Sim, doutor, perfeitamente.

— Tenho ordens superiores para demitir qualquer um que deixe vaziar esta informação.

— Fique tranquilo, Dr. Ricardo, se depender de mim ninguém saberá de nada. Fui amiga da Sandrinha há muitos anos atrás. Só quero o bem dela.

O doutor estava tão nervoso que não ouviu o que ela acabara de dizer. Olhava de um lado para o outro, como se estivesse aguardando alguma coisa ruim acontecer.

— Preciso que todos os pacientes deste corredor sejam remanejados para outros quartos — disse ele, rápido feito um locutor de turfe. — , com exceção do número 27, é claro.

— Ela tem algo contagioso, doutor?

— Não. Por favor, precisamos agir rápido com isso.

— Sim, será feito.

— Obrigado. E que Deus nos abençoe.

Mover os pacientes para outros quartos não foi uma tarefa tão árdua quanto parecia. Para a sorte dos enfermeiros, somente três quartos do corredor 20 estavam ocupados. E os parentes estavam tão esgotados que não lhes exigiram explicações sobre o motivo daquela troca tão repentina, em plena madrugada.

Os ponteiros do relógio marcavam 2h15 quando a mudança dos quartos foi finalizada. O quarto 27 fora isolado do resto do hospital. Mas por quê? Haveria necessidade para tudo isso? Ninguém sabia explicar o que estava acontecendo. Os boatos dentro do hospital se espalhavam mais rápido que vírus.

Débora estava exausta e ainda faltavam quase 3 horas para acabar o seu turno. Sentou-se num banco em frente à secretaria. Suava debaixo dos braços e as batatas das pernas doíam. Elza a observou por alguns segundos, depois disse:

— Acabei de saber de um quentíssima.

— Veja lá o que vai dizer; a madrugada está tensa.

— Sabe quem é o verdadeiro dono deste hospital?

Débora apenas balançou a cabeça negativamente, aguardando a resposta.

— O pai da sua amiguinha de infância.

— O Sr. Pellegrino?

— Ahã. A Rita escutou uma conversa do Dr. Ricardo ao telefone.

— Bom, de todas as histórias que ouvi hoje, esta é a mais fácil de engolir.

De repente quatro homens entraram no hospital. Um deles vinha mais à frente, a passos largos. Débora e Elza o reconheceram imediatamente: Natanael Pellegrino. Atrás dele vinham dois seguranças fortões e um senhor de cabelos grisalhos. Este último era mais velho que todos os outros e carregava uma bolsa.

— Onde fica o quarto 27? — perguntou Natanael. Sua voz era inconfundível, parecia um trovão. Seu rosto estava pálido e gotas de suor escorriam de sua testa.

Débora levantou-se e deu um passo à frente.

— Eu levo o senhor até o quarto — disse ela, gentilmente.

— Muito obrigado.

Natanael olhou para um dos seguranças e fez sinal para que este ficasse.

Elza deixou os três homens passarem sem nenhum questionamento. Se Natanael Pellegrino era mesmo o proprietário do hospital, não seria inteligente barrá-lo.

Enquanto liderava os três homens até o quarto, Débora chegou a esboçar uma tentativa de contar ao milionário a respeito do seu passado. Mas pensou: “Que diferença faria aquilo?” Tenso e apavorado como o homem estava, seria muito provável que ele a ignorasse completamente e a deixasse com cara de idiota.

— É aqui — disse ela. Mas em seguida se sentiu estúpida, pois havia um número 27 bem grande estampado na porta.

— Obrigado, enfermeira ... — ele ficou procurando o nome no crachá. — ... Débora Palhine.

— De nada.

O homem continuou fitando o seu crachá. Se fosse em outra oportunidade ela acharia que ele estava olhando para os seus seios. Mas não era o caso.

— Palhine! Este sobrenome me soa tão familiar — e sorriu pela primeira vez desde que entrara no hospital. Um sorriso contido, mas um sorriso.

— É um sobrenome muito comum nesta região — ela não teve coragem de revelar seu antigo laço de amizade. Se o nome e o sobrenome não foram suficientes para refrescar sua memória, pra que tentar?

— Pode ser. Agradeço muitíssimo sua gentileza. Peço que volte aos seus afazeres, se me permite.

— Sim, senhor.

Muito esperta, Débora caminhou alguns metros e entrou por uma porta. Os três homens não perceberam que a porta não era a saída para lugar algum; mas sim a porta do depósito de materiais de limpeza; um quatinho minúsculo com algumas prateleiras. Ali ela se escondeu. Depois de 1 minuto ela abriu a porta apenas alguns centímetros, suficientes para que ela pudesse ver e ouvir o que se passava em frente ao quarto 27.

Dali ela conseguiu ver o Sr. Pellegrino entrar sozinho no quarto. Enquanto isso, o homem de cabelos grisalhos retirava alguns objetos da sua bolsa, dentre eles uma batina. O velho era um padre.

De repente um estrondo. Algo havia batido com muita força na porta do quarto, pelo lado de dentro. Imediatamente o segurança girou a maçaneta e tentou abrir a porta, mas não conseguiu.

— O que aconteceu, Sr. Pellegrino? — gritou o segurança, batendo na porta. — O senhor está bem?

Outra pancada na porta, ainda mais forte que a primeira. O segurança ficou agitado. Tomou distância e se jogou contra a porta. Sem sucesso. Quando se preparava para tirar uma pistola da cintura, o padre o impediu. Trajado com a batina, segurando uma bíblia na mão direita e um terço de madeira na esquerda, pediu gentilmente para que o segurança se afastasse.

Gritos e outros sons estranhos vinham de dentro do quarto 27. O segurança tomou distância para se jogar contra a porta outra vez, mas o padre o desencorajou.

— O senhor pensa que vai abrir a porta com isso? — resmungou o segurança, apontando para a bíblia.

O padre não lhe respondeu; ajoelhou-se de frente para a porta e disse:

“ Oh! Senhor Todo Piedoso, deixe-me entrar e expulsar o espírito do mal. Deixe-me entrar e impor a Tua palavra. Deixe-me entrar e fazer a Tua vontade.”

Coincidência ou não, a porta abriu. O padre fez três vezes o sinal da cruz e levantou-se. O segurança ameaçou entrar primeiro, mas o padre o impediu.

Débora observava aquilo com total assombro. Ela suava como se tivesse corrido uma maratona. Seu coração estava tão acelerado que ela temeu pelo pior, afinal de contas havia um longo histórico de enfartos na família.

Quando o padre empurrou cautelosamente a porta, ela notou algo bizarro: as paredes do quarto estavam pretas e o ambiente parecia esfumaçado.

Assim que o padre entrou, a porta fechou-se violentamente. O segurança tentou abri-la, mas não conseguiu.

— O que está acontecendo aí? — gritou ele, socando a porta.

De repente o corredor começou a esfriar. As luzes começaram a piscar. Os sons que vinham do quarto chegavam abafados do lado de fora, como se o lugar estivesse lacrado. Era possível ouvir o Sr. Pellegrino gritando desesperadamente e o padre citando passagens da bíblia, com ímpeto. As paredes do hospital pareciam tremer. Encolhida dentro daquele quartinho escuro, a enfermeira ouvia tudo aquilo, apavorada.

Ao sentir o telefone celular vibrar no bolso da calça, Débora quase teve um ataque do coração. O susto foi tão grande que ela soltou um grito. Imediatamente ela olhou pelo vão da porta para ver se o segurança havia notado. Não, ele não notara, estava muito mais interessado em saber o que estava acontecendo dentro do quarto 27.

Débora finalmente atendeu o telefone; era o pai dela.

— Alô — ela disse baixinho.

— Oi, filha, desculpa ligar esta hora, mas eu ...

— Aconteceu alguma coisa com a Marlene?

— Está tudo ótimo, não se preocupe. Só liguei para perguntar se posso dar para ela aqueles bombons que eu trouxe de Minas. Não sei se ...

— Pode sim, pai. Mas só um ou dois, por favor.

— Tudo bem então. Era só isso mesmo. Desculpa ...

— Pai, não desliga, por favor! Preciso ouvir sua voz mais um pouco. Nunca senti tanto medo em toda a minha vida.

— O que houve? — o tom de voz mudou completamente; agora quem tomou um susto foi ele.

— Estão acontecendo coisas estranhas aqui — fazia tanto frio que sua voz saía entre uma batida e outra de dentes.

— Estranhas como? Você está bem?

— Sim, estou. Pai, se eu lhe contar o que está acontecendo aqui você não vai acreditar em mim.

— Claro que acreditarei em você, filha.

— Você promete guardar segredo? Posso perder meu emprego.

— Claro, meu amor. Tem certeza de que você está bem?

— Sim. Pai, lembra do Sr. Natanael, nosso vizinho?

— Claro que lembro. Mas o que isso tem a ver?

— Ele está aqui no hospital.

— Sério? Mas o que aconteceu com ele? Está internado?

— Não. Ele veio por causa da Sandrinha.

— Nossa, vocês eram inseparáveis; unha e carne. Lembra disso?

— Lembro sim.

— Aconteceu alguma coisa com ela?  
— Esta é a parte estranha da história.  
— Não entendi.  
— Pai, eu posso estar ficando maluca, mas eu acho que estão realizando um exorcismo no quarto dela.  
— O quê?  
— O pai dela trouxe um padre.  
— E daí? Muitos padres são levados para hospitais para dar a extrema unção.  
— Eu sei disso, pai. Mas neste caso é diferente. Coisas muito estranhas estão acontecendo naquele quarto. É assustador, pai!  
— Falando nisso, onde você está?  
— Estou escondida num depósito de materiais de limpeza.  
— Escondida? Mas você não está em horário de serviço?  
— O plantão está calmo hoje. Quero dizer, estava calmo até a Sandra chegar. Eu queria tanto saber o que realmente está acontecendo naquele quarto.  
— Pensando bem, eu sempre achei o Natanael um cara esquisitão.  
— Sério? Ele era tão sossegado, na dele.  
— Você falou em exorcismo e eu me lembrei de uma história. Olha, fiquei até arrepiado ao me lembrar dela.  
— Espera só um pouquinho, pai, vem vindo alguém.

O segurança recebeu companhia: Dr. Ricardo e o outro segurança. O médico parecia muito assustado; tentou várias vezes girar a maçaneta e entrar no quarto, mas em vão. Débora fechou um pouco mais a porta do depósito. Se a descobrissem, com certeza perderia o emprego.

— Desculpa — sussurrou ela. — Continua, pai. De que história você estava falando?  
— Você era muito pequena, talvez não se lembre de como ele ficou milionário.  
— Ele não ganhou na loteria?  
— Isso é o que ele contou por aí.  
— Era mentira?  
— Não sei. Tudo o que eu sei é que ele não costumava apostar em jogos de azar. Para falar a verdade ele não tinha vício nenhum.  
— Não ter o costume de jogar não significa nada. Tem muita gente que joga pela primeira vez e ganha. Sorte de principiante existe, né?  
— Olha, o que vou lhe contar agora também é segredo. Nunca contei para ninguém, nem para a sua falecida mãe.  
— Nossa!  
— Vou ser sincero também, não contei para ninguém porque nunca acreditei. Achei que fosse conversa de bêbado.

— Conversa de bêbado? Não estou entendendo nada.  
— Calma, vou explicar. Lembra que eu falei que o Natanael não possuía nenhum vício? Bom, certa vez ele me convidou para beber. Achei aquilo muito estranho, mas eu aceitei o convite. Cheguei até a pensar que fosse alguma brincadeira, mas não era. Saímos do serviço e fomos direto para uma cachaçaria. Bastaram alguns copinhos para ele ficar mais alegre que qualquer ser humano na face da Terra. Eu nunca tinha visto o cara rir tanto. No final da noite eu descobri o motivo: não era apenas a cachaça que fazia ele rir tanto daquela maneira; ele me contou que tinha ganhado na loteria.

Débora riu baixinho.

— É essa a história que você nunca contou para ninguém? — disse ela, em tom de deboche. — Fez bem, pois é muito fraquinha, viu?

— Por acaso eu disse que terminei?

— Não — ela ficou sem graça.

— A parte interessante vem agora. Ele me disse que havia ganhado na loteria, mas não era exatamente uma loteria. O cara me contou que tinha feito um pacto com um demônio.

— O quê? — Débora quase derrubou todos os produtos de limpeza da prateleira atrás dela.

— Na hora eu ri muito, claro. Bêbado fala cada coisa! Pensei com meus botões.

— Cruz credo, pai! Isso não pode ser verdade. Estas coisas não existem.

— Lembra que a esposa dele costumava frequentar terreiros de umbanda e coisas desse tipo? Ele nunca a acompanhava, mas parece que na noite anterior ele resolveu levá-la até o local. Como ele não acreditava nestas coisas, decidiu esperar por ela do lado de fora. Enquanto esperava ele ouviu uma voz lhe chamar pelo nome. Segundo Natanael, eles ficaram conversando por quase uma hora. Ao final da conversa o dono da voz afirmou ser um demônio muito poderoso, disposto a lhe fazer uma proposta irrecusável.

— Dinheiro?

— Sim, muito dinheiro. Exatamente 5 milhões de reais.

— Caramba, cinco milhões? Mas a troco do quê?

— O demônio não quis revelar; disse apenas que viria cobrá-lo algum dia.

— Você inventou tudo isso só para me assustar, né?

— Acha que eu faria isso, filha?

Antes que ela pudesse dizer algo para seu pai, o celular começou a emitir um som agudo, alto e insuportável para os seus ouvidos. Débora foi obrigada a desligá-lo ou dizer adeus aos seus tímpanos.

Com o aparelho desligado, fez-se um silêncio tão grande que ela pensou ter ficado surda. Abriu um pouco a porta; escuridão total lá fora. O silêncio combinado com o breu lhe causou calafrios; sentiu-se uma morta-viva lacrada num caixão. Apavorada, escancarou a porta e saiu para o corredor, tateando a parede para se guiar. Seus dedos quase grudaram na parede gelada. Agora o lugar parecia um frigorífico abandonado.

Ficou ali parada por alguns minutos, mas que pareceram uma eternidade. Então alguém jogou uma luz no seu rosto com uma lanterna.

— Quem está aí? — disse uma voz masculina, desconhecida para ela.

— Enfermeira Débora — respondeu ela; fazendo fumaça. Ela se sentiu aliviada por saber que não estava surda.

— Sou Pedro, um dos novos enfermeiros. A Dona Elza me pediu para procurá-la. Você está bem?

— Sim. Com muito frio, mas estou bem.

O rapaz se aproximou dela. Débora finalmente viu o rosto do enfermeiro novato; lembrou-se de ter topado com ele algumas vezes pelos corredores do hospital, mas trocavam apenas olhares e, de vez em quando, um aceno.

— Estranho — disse ele — , aqui o ar-condicionado está funcionando.

Ela desconfiava de que aquele frio congelante não era fruto de um ar-condicionado. Mas não quis perder tempo contando para o novato. Débora pegou a lanterna das mãos dele e apontou para o quarto 27. A porta estava semi-aberta.

— Eu preciso ver uma coisa — disse ela, decidida.

— Ver o quê? Não temos tempo, há pacientes precisando de ajuda!

Ela não lhe deu ouvidos.

Caminhou até o quarto. A lanterna em suas mãos tremia, mas ela não tirou o foco da porta em momento algum. O novato foi atrás dela, visivelmente irritado.

— Tem pacientes naquele quarto? — perguntou ele, apontando.

Ela ficou calada. O quarto se transformara numa obsessão tão grande quanto uma vitrine de doces para uma criança. Porém o quarto não cheirava a doces, muito pelo contrário, exalava um cheiro de carne podre; nauseante.

— Se havia pacientes aqui, agora estão todos mortos — disse Pedro, tapando o nariz.

Débora enfiou a lanterna no vão da porta. Um vulto atravessou a luz lá no fundo do quarto. Foi impossível distinguir o que era.

— Você viu aquilo? — disse ele, desafinando sua voz um tom abaixo.

A enfermeira empurrou a porta com um dos pés. O cheiro veio ainda mais forte para cima deles; parecia uma entidade viva. O chão e as paredes do quarto estavam cobertos de sangue e pedaços de carne, como se um soldado inimigo tivesse jogado uma granada ali dentro.

Eles não conseguiam acreditar no que estavam vendo. Apesar de lidarem com a morte todo santo dia, aquilo era forte demais. Membros dilacerados, esparramados por todos os cantos do quarto. O relógio de ouro ainda estava preso ao pulso de Natanael, porém o seu braço não estava mais preso ao resto do corpo. A cabeça do padre, com um dos olhos assustadoramente esbugalhado e a língua para fora, foi o que mais lhes chamou a atenção.

— Meu Deus! — disse Débora, fazendo o sinal da cruz. Em seguida agachou-se para o lado e vomitou sobre os pés do enfermeiro. Este pulou para trás, depois descarregou um punhado de palavrões.

Algo se moveu próximo da porta.

— Tem alguém aí? — gritou Pedro. Em seguida tomou a lanterna das mãos de Débora e apontou a luz para o quarto.

Um vulto surgiu do nada, parando bem de frente para eles. Era Sandra, nua, coberta de sangue e vísceras. Com a mão direita ela segurava a cabeça de Natanael, balançando levemente para frente e para trás, como se fosse uma garotinha e sua boneca; na mão esquerda ela segurava uma folha de papel, dobrada feito um canudo, impecavelmente limpa.

A moça nua olhou para os dois; um olhar tão estranho quanto o de um gato assustado, acuado no canto de um quarto. A moça nua sorriu para os dois; um sorriso irônico, cheio de dentes afiados e animais. Uma baba vermelha de sangue escorria dos cantos de sua boca. A moça nua não respirava, pois não havia mais vida naquele corpo fétido e sujo. Fosse o que fosse, demônio ou não, aquilo deixara de ser Sandra Pellegrino há muito tempo.

Os dois ficaram paralisados de terror. A calça do enfermeiro mudara de cor para marrom escuro. Débora orou pelo pai e pediu que ele cuidasse tão bem da neta quanto cuidara da filha. Algo lhe dizia que ela não os veria nunca mais.



A coisa que habitava o corpo de Sandra Pellegrino passou por eles feito uma sombra. O novato e a enfermeira sentiram apenas uma descarga de adrenalina em suas correntes sanguíneas. O primeiro desmaiou, deixando cair a lanterna. Débora a pegou de volta, mas não teve coragem de apontá-la na direção daquela coisa.

Não desejava vê-la nunca mais. Nunca mais.

FIM

Autor: Julio Cesar Bianchi Furtado (Julio Fantasma)

Mais Contos: <http://www.juliofantasma.com.br/contos-de-terror/>

Facebook: <http://facebook.com/juliofantasma>

Twitter: <http://twitter.com/juliofantasma>

Outros contos do mesmo autor:

O Motoqueiro Misterioso  
A Menina, o Monge e o Demônio  
Libertando as Almas  
Goonie  
A Barbearia  
João Tamoio  
O Poço  
Padre Elijah  
O Diário de Renata  
O Colecionador  
O Negrinho da Feira  
Sete Batidas no Portão do Cemitério  
A Punição  
O Velho 486  
O Trem  
Sônia  
Cristiana  
Ana Paula  
Olhos Vermelhos  
A Festa  
Viagem Noturna  
A Dama das Orquídeas

Para ler os contos acima, acesse:

<http://www.juliofantasma.com.br/contos-de-terror/>